

*De repente ele virou mito, passou
a ser citado em conversas e
conquistou um público com pouca
tradição musical erudita...*

MOZART

O clássico popular

Subitamente, a Brasil ganhou um novo mito. E surpreendentemente não é um fulminante jogador de futebol ou um sambista, mas um músico europeu erudito: Mozart. Com a desenvoltura com que se costuma comentar as novelas da TV, discute-se agora se o medíocre Salieri liquidou o prodigioso austríaco com veneno ou apenas com pressão psicológica. Ou então, se o jovem Amadeus era realmente um autorizado representante de Deus na Terra.

O tema surgiu quando as trinta cópias do filme "Amadeus", do tcheco Milos Forman, passaram a conquistar respeitáveis filas nos cinemas brasileiros — ameaçando até cobrir os cem mil dólares desembolsados pela Condor Filmes para trazer a fita ao Brasil. Foi o início da "Mozartmania".

Além de grandes bilheterias, o austríaco Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) passou a ser responsável por uma surpreendente corrida às seções de música erudita nas lojas de discos. Segundo Renato Pons, encarregado de vendas na loja Breno Rossi, no centro de São Paulo, "há mesmo uma febre de Mozart". Se antes do lançamento do filme eram vendidos no máximo cinco discos do compositor, por dia; hoje, a demanda anda em torno dos dez ou quinze, com acirrada preferência pela trilha sonora de "Amadeus". Na mesma rua 24 de Maio, o gerente de vendas da Bruno Blois, Tito de Oliveira, acredita que houve um aumento de 50% na procura de gravações de Mozart (nacionais ou estrangeiras). Ailton Paiva, representante da Polygram, que reúne cerca de vinte títulos de Mozart em seu catálogo, também está surpreendido com este sucesso. Na manhã de ontem, ele já havia vendido 150 discos, inclusive para revendedoras que pouco trabalham com o produto "clássico".

Vídeo e reprise

Números à parte, o "fenômeno" vem ganhando espantosos contornos. Uns e outros já andam assobiando o (agora) famoso Réquiem, provavelmente a última obra do compositor, ou, em momentos mais solenes, a Sinfonia Concertante K.364. E mais: desde segunda-feira, a sala Câmara

Portinari do Cine Belas Artes (rua da Consolação esquina com avenida Paulista) está reprisando "Don Giovanni", do falecido diretor norte-americano Joseph Losey. No sábado, o Vídeo Verdi Ópera Clube apresentará um vídeo da ópera "A Flauta Mágica".

Para o compositor paulista Lívio Tragtemberg, 24, o grande mérito do lançamento de "Amadeus" foi a volta a cartaz de "Don Giovanni": "É a ópera mais legal do Mozart, mais até do que 'A Flauta Mágica', afirma Lívio, que ainda não assistiu a "Amadeus". "O Don Giovanni é quase uma persona do Mozart, é muito mais ele do que a biografia do filme, pelo que imagino", acrescenta Lívio que diz ser radicalmente contra o surto mozartiano que invade o País. "Eles estão resgatando um mito industrial, aquela coisa superficial do gênio que escreve uma sinfonia a cada quinze minutos. Ignora-se o lado humano e transforma-se tudo em perfumaria: esse Mozart não tem contradições." Lívio cita o ensaísta Theodor Adorno que, em Defesa de Bach de seus Entusiastas, diz que os entusiastas de Bach (comparáveis aos de Mozart, segundo Tragtemberg) só prestaram um desserviço, por esvaziarem totalmente o sentido histórico de sua obra.

Frágil Don Juan

Estende-se o entusiasmo de Lívio por "Don Giovanni". A ópera baseada no libreto de Lorenzo da Ponte, composta em 1787, quando Mozart tinha 21 anos, tem ingredientes suficientes para ter agradado à nobreza austríaca da época e o público cinematográfico deste final de século. Para se captar a personalidade do protagonista, não basta traduzir seu nome para o espanhol. Don Giovanni é realmente um Don Juan endiabrado. No história, porém, embora mate (logo no início) o pai de uma das mulheres que conquista, fica claro que não se trata de um mau-caráter, muito menos de um matador.

Há cenas hilariantes, como aquela em que seu criado Leporello (no filme interpretado por José Van Dam) alista para uma das amantes os mais de mil nomes que a antecederam na cama de Don Giovanni. Na

versão de Losey, a lista, ao ser desenrolada, ocupa toda uma escadaria. No final da ópera (e também do filme) há um detalhe que mostra a profunda irreverência de Mozart (pintada em cores fortes na peça do inglês Peter Shaffer, que deu origem ao filme de Milos Forman): num jantar oferecido pelo nobre conquistador à estátua de sua vítima (a qual, educadamente, comparece) há uma orquestrinha de fundo que toca nada menos do que trechos de autoria do próprio Mozart.

Já em "A Flauta Mágica", filmada em 1975 pelo sueco Ingmar Bergman, e escrita no mesmo ano da morte do compositor, o amor é tratado de maneira mais lírica. O cenário é o Egito antigo, e os personagens estão mais próximos da mitologia do que da realidade. O herói Tamino, o estranho Papageno, que se veste de penas, as Damas e Rainhas trafegam numa esfera arquetípica, onde a arquitetura é formada por templos da Sabedoria, da Razão e da Natureza. O vídeo que será exibido em São Paulo neste sábado foi gravado em 1980 durante a apresentação da Ópera Estadual de Berlim, com Peter Schreier, Isabella Nawe e Siegfried Vogel nos papéis principais, e a regência de Oitmar Suitner.

Verdades e mentiras

Essas e outras obras são responsáveis pela conquista de corações nem tão leigos como os que agora cultuam Wolfgang Amadeus Mozart, batizado Johannes Chrysostomus Wolfgangus Theophilus quando nasceu, a 27 de janeiro de 1756, em Salzburgo, Áustria. Exemplo disto é o maestro Júlio Medaglia, 47, que na pré-estreia de "Amadeus" regeu a Sinfônica Municipal, da qual é o regente-titular, apresentando peças do compositor. "Ele é o único cara que ainda me provoca arrepios. Tudo o que Mozart fez é importante, enquanto Beethoven criou porcarias que nem dá para ouvir", diz Medaglia.

Para o maestro, "Amadeus" traz algumas inverdades, como a mediocridade de Antonio Salieri (1750-1825), que ele diz ser um bom compositor. Mas considera a "febre" mozartiana muito positiva: "De re-



Wolfgang Amadeus Mozart: 194 anos depois da morte do compositor, os paulistanos assobiam trechos de suas peças

Ilustrada

rente, as pessoas começam a prestar atenção nas composições dele e a reconhecê-las, coisa que pretendo fazer, com a Orquestra Municipal, em relação a outros compositores. O ouvinte de hoje está treinado para qualquer tipo de música".

O ator Raul Cortez, 53, que interpretou Salieri na montagem nacional da peça de Shaffer (entre 1982 e 83), no Rio e em São Paulo, achou a parte mais difícil e instigante do trabalho o processo de "descobrir" o tal dedo de Deus na obra de Mozart. Além disso

considera o compositor "um arrivista, que queria transformar o comportamento da época, e não um gênio". Sobre a mal explicada morte de Mozart, Cortez diz que recentemente, na Inglaterra, foi confirmada a hipótese do envenenamento, depois de ser realizada uma série de investigações: os suspeitos são, pela ordem, Salieri, o marido de uma aluna e o amante da esposa Constança. Júlio Medaglia, no entanto, diz: "Se ele vivesse mais algum tempo, não sei se acrescentaria muita coisa

à sua obra. Nisso a natureza tem uma espécie de lógica."

Seja como for, o incipiente fã clube de Mozart pode acrescentar a seus dotes uma certa capacidade de premonição, que o fez escrever numa carta ao pai, ainda em 1787: "Visto que a morte, estritamente falando, é o verdadeiro fim e a meta da nossa vida, tornei-me durante os últimos anos íntimo desta verdadeira e melhor amiga do homem que a sua imagem já não me aterroriza; tranquiliza-me e consola-me". (VL)